

LIVRETE DE QUESTÕES

PROCESSO SELETIVO SOCIAL 2010

**DISSERTAÇÃO
RESUMO
LÍNGUA PORTUGUESA**

29/1/2010

DISSERTAÇÃO

1. Considerando a polêmica gerada pelo sistema de cotas raciais nas universidades brasileiras, bem como outras discussões que surgiram a partir do tema da desigualdade racial, discuta a questão dos critérios – social e/ou racial – a serem adotados na tentativa de diminuir os efeitos da discriminação no Brasil. Faça-o a partir da leitura dos fragmentos de textos a seguir e dos seus conhecimentos prévios.
2. Redija, sobre esse tema, uma dissertação de, no mínimo, 30 linhas.

(A) No Brasil, a injustiça social tem forte componente de injustiça histórica e, em última instância, de racismo anti-índio e antinegro (...). em contraste com outros países (EUA), o Brasil apresenta um grau bem maior de miscigenação. A questão é saber se esse maior grau de miscigenação foi suficiente para evitar a persistência de desigualdades estruturais associadas à cor da pele e à identidade étnica, ou seja, se o fim do colonialismo político acarretou o fim do colonialismo social.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Folha de S. Paulo*, 26/08/2009, A-3.

(B) Com razão, muitos brasileiros repudiam o critério racial – que carece de fundamento científico – como base para a discriminação positiva, concebida para corrigir desigualdades flagrantes na sociedade nacional. (...) A adoção do critério social é a medida mais razoável para corrigir distorção de classes no acesso ao ensino superior público.

Editorial. *Folha de S. Paulo*, 14/09/2009, A-2.

(C) Vivemos um rico e criativo processo histórico, resultado de grande mobilização nacional de negros, indígenas e brancos, gerando juntos debates, dentro e fora de universidades. Os modelos aprovados são inúmeros, cada um deles tentando refletir realidades regionais e dinâmicas específicas de cada universidade.

CARVALHO, José Jorge de. *Folha de S. Paulo*, 17/09/2009, A-3.

(D) Identidade e pertencimento são, assim, a síntese, a evidência e a apresentação acabada e esclarecedora do novo sentido do povo brasileiro. Sem identidade não existe igualdade. Sem identidade e pertencimento não existe Estado ou nação. Não existe país. Essa é a nossa nova consciência que devolve o Brasil ao seu leito natural.

VICENTE, José. *Folha de S. Paulo*, 20/11/2009, A-3.

(E) É verdade que, nos últimos anos, cresceu a importância dos movimentos voltados para a afirmação da identidade e dos direitos de afrodescendentes no Brasil. Com efeitos positivos, de forma geral, sua ação redundou também, muitas vezes, num discurso que separa brancos e negros. Mas o lema da “consciência negra” não deveria ser interpretado de forma exclusivista: diz respeito a todos os brasileiros. (...) Assim como a defesa dos direitos humanos é uma questão universal, a “consciência negra” é uma questão de identidade nacional, e não racial.

Editorial. *Folha de S. Paulo*, 20/11/2009, A-2.

RESUMO

1. Leia atentamente o texto a seguir e procure compreender as principais ideias nele contidas.
2. Redija um resumo do texto, com suas próprias palavras, em um só parágrafo, em 3ª pessoa. Não emita opiniões e seja fiel ao conteúdo apresentado e à progressão do pensamento.
3. Utilize somente as 15 linhas reservadas para o resumo.

Agência ocupada

A evolução tecnológica e a emergência de fortes interesses privados tornaram desafiadora a missão do Estado de assegurar à sociedade serviços de telefonia de qualidade a preços justos. Nesse sentido, tem sido preocupante a atuação recente da Anatel, o órgão regulador criado no âmbito da privatização das estatais do setor, em 1998.

Foram necessárias quatro panes, em 12 meses, para que a agência exigisse de empresas mais investimentos em infraestrutura. Em julho de 2008, 2,5 milhões de clientes da Telefônica ficaram temporariamente sem internet em São Paulo. No mês passado, 11,6 milhões de telefones fixos da empresa ficaram sem serviço por algumas horas.

Diante disso, a Anatel proibiu a Telefônica de vender seu serviço de internet por banda larga até que a estrutura comporte o crescimento dos assinantes. Em audiência na Câmara dos Deputados, nesta semana, o presidente da companhia ofereceu um plano de investimentos para reverter a proibição. A proposta foi considerada insatisfatória pela própria Anatel e por órgãos de defesa do consumidor.

Não se trata de caso isolado. Operadoras de celulares alertam para a possibilidade de suas redes de dados virem a sofrer um esgotamento em 2011. Na versão delas, a responsável seria a Anatel, com a demora para liberar faixas adicionais de frequência.

Seja de quem for a culpa, são fortes os sinais de que a Anatel colhe os frutos de sua

própria omissão na fiscalização das empresas de telefonia – diagnóstico, aliás, feito sem meias palavras pelo Ministério Público Federal e pela Associação dos Engenheiros de Telecomunicações.

Essa omissão torna-se ainda mais grave à luz da miríade de empréstimos públicos para empresas do setor e do fato de o Brasil já possuir uma das telefonias mais caras do planeta.

Parte da letargia da Anatel decorre do gradativo processo de esvaziamento político e asfixia orçamentária sofrido pelas agências reguladoras. Marco inicial desse processo foi a estapafúrdia decisão do Planalto, em 2003, de demitir o então presidente da Anatel, Luiz Guilherme Shymura, que divergia do reajuste de tarifas desejado pelo governo.

A demissão só foi revertida quando se constatou que conselheiros de agências reguladoras são estáveis e não se subordinam a interesses cíclicos de governos. Shymura, então, foi simplesmente pressionado a sair.

Foi só o primeiro golpe. Outros vieram. O mais recente deles foi uma portaria que transferiu para a Advocacia Geral da União, órgão da Presidência, o poder que as agências reguladoras tinham de sustentar decisões perante tribunais superiores.

Esses transtornos obviamente não obscurecem os benefícios da privatização da telefonia. Mas a eficiência desse setor depende de uma Anatel não só autônoma, mas também vigilante.

QUESTÕES

As questões de número 1 a 10 referem-se ao texto que segue.

Um novo modelo de prosperidade

Desde a Segunda Guerra Mundial, metade do mundo vivia sob a hegemonia dos EUA e via esse país como modelo de democracia e de economia, e o “american way of life” era exemplo a ser seguido.

O avanço tecnológico e a prosperidade dos EUA eram indiscutíveis, e o mundo capitalista almejava nível de vida idêntico. O zelo missionário americano, por sua vez, tratava de impor ao mundo um modelo que emulasse sua democracia e sua economia.

A partir da unificação da Europa e da emergência da China como potência econômica mundial, o mundo passou a se encaminhar para uma geopolítica multipolar. Todavia, foi necessário o advento da crise financeira mundial para que se evidenciasse o fim do mundo unipolar e a real fragilidade do modelo econômico baseado no “laissez-faire” de Adam Smith.

A crise financeira fez com que os EUA perdessem o papel de modelo para o mundo. Com isso, o país deve deixar de contar com a comodidade de dispor de créditos ilimitados como senhor da moeda padrão mundial.

Em recente artigo da revista “Economist”, a SR Rating, única empresa brasileira de avaliação de crédito, rebaixou a economia americana para meros AA, enquanto o Brasil conquistava o grau de investimento.

Em recente visita do secretário do Tesouro dos EUA à China, a plateia de alunos que assistia a sua palestra na Universidade de Pequim não conteve o riso quando ele assegurou que o dólar não se desvalorizará.

O déficit americano atingirá quase US\$ 2 trilhões neste ano fiscal, e os EUA necessitarão de mais de US\$ 1 trilhão por ano durante a próxima década. Diante da reticência dos chineses e de outras nações credoras em continuar a financiar os EUA nos volumes de que necessitam, a impressora da Casa da Moeda americana continuará a rodar em ritmo acelerado.

A trajetória de desvalorização do dólar é tão evidente quanto seu aumento de juros. A dívida americana atual é de US\$ 11,4 trilhões. O invejado padrão de vida americano sofrerá sérias contrações. Cada novo cidadão dos EUA já nasce com uma dívida de US\$ 37 mil. E, nos EUA, teremos pela frente o “subprime” dos imóveis comerciais, avaliado em US\$ 1 trilhão, e a dívida dos cartões de crédito.

Em artigo nesta *Folha*, em 22/3/08, prevíamos a trajetória de desvalorização do dólar, dando início à crise do sistema financeiro mundial.

Pela estabilidade de sua moeda e para se tornar menos dependente do dólar, a China já iniciou a internacionalização de sua moeda. (...)

A prosperidade dos EUA é de grande importância para a economia mundial. A estreita parceria entre os EUA e a China nas últimas décadas criou riquezas jamais sonhadas. Findas as contrações econômicas desta crise, veremos que a riqueza líquida gerada ainda é gigantesca. Mas, ainda por uma década, os EUA estarão concentrados em tirar sua economia da presente crise global.

O Brasil sempre seguiu a prescrição de políticas econômicas do FMI, que impunha seu modelo monetarista e do Consenso de Washington a todos os países que a ele recorreram. Mas, agora que o modelo americano mostrou sua limitação, qual deve ser nosso novo modelo econômico?

Será que, com o fim do capitalismo como foi praticado, poderemos finalmente substituir nosso decrépito modelo econômico de pobreza por um capitalismo de riqueza?

Não é justificável que quase 40% do nosso PIB represente tributos que mantêm um crescente setor improdutivo. A modernização de nossa legislação trabalhista deixará de incentivar a informalidade. É algo encorajador termos finalmente deixado de ser campeões mundiais de juros exorbitantes, mas devemos manter um câmbio favorável ao país.

A nossa visão ambiental poderia refletir mais a preservação do ser humano como bem da natureza. E, para que possa viver com um mínimo de dignidade humana, o homem necessita de emprego. O nosso sistema de entraves burocráticos tornou-se por demais oneroso para ser mantido.

As reformas que ainda temos por fazer poderão ajudar a enfrentar esta crise e promover uma reestruturação que anule o custo Brasil, que tanto pesa contra nosso avanço econômico. Isso se constituiria numa medida de estímulo econômico que, de uma vez por todas, tiraria o Brasil da pobreza e asseguraria a riqueza da nação.

TANG Charles A.
Folha de S. Paulo, 21/07/2009, A-3.

1. De acordo com o texto, pode-se afirmar que:

- I. A hegemonia dos EUA no mundo perdura desde a Segunda Guerra Mundial até os dias atuais.
- II. Atualmente, o mundo caminha para uma geopolítica multipolar ocasionada pela emergência da China e pela unificação da Europa.
- III. A parceria entre EUA e China, nas últimas décadas, propiciou a saída dos EUA da crise econômica do mundo.
- IV. Podemos, finalmente, substituir nosso decrépito modelo econômico de pobreza por um capitalismo de riqueza.
- V. As reformas que o Brasil deverá fazer poderão ajudá-lo a enfrentar a crise.

As asserções verdadeiras correspondem à alternativa:

- (A) I, II e III
- (B) II e V
- (C) I, III, IV e V
- (D) I, III e IV
- (E) II, IV e V

2. No texto, dentre tantas questões, o autor tem, como foco principal, o objetivo de mostrar que:

- I. O capitalismo chegou ao fim.
- II. O mundo tem uma nova ordem econômica.
- III. O ser humano é um bem da natureza.
- IV. O Brasil precisa seguir um novo modelo econômico.
- V. O dólar americano está desvalorizado.

As asserções verdadeiras correspondem à alternativa:

- (A) I e III
- (B) I e II
- (C) II e IV
- (D) IV e V
- (E) III e V

3. O chamado “american way of life” indica, no contexto mencionado no 1º parágrafo, que:

- I. Os EUA são um exemplo a ser seguido.
- II. Os EUA propagaram seu modo de vida ao mundo.
- III. O modo de vida americano foi seguido por todo o mundo.
- IV. Os EUA divulgaram seu modelo de democracia.
- V. A hegemonia dos EUA começou após a Segunda Guerra Mundial.

As asserções verdadeiras correspondem à alternativa:

- (A) II, IV e V
- (B) II, III e IV
- (C) I e IV
- (D) II e V
- (E) I, III e V

4. A ideia de um mundo unipolar (3º §) refere-se à(ao):

- (A) emergência da China.
- (B) “laissez-faire” de Adam Smith.
- (C) hegemonia dos EUA.

- (D) unificação da Europa.
(E) fragilidade do modelo econômico dos EUA.
5. Pode-se considerar a melhor paráfrase dos dois primeiros períodos do penúltimo parágrafo do texto a seguinte:
- (A) O ser humano poderia ser considerado um bem da natureza em nossa visão ambiental. Para isso, ele precisa viver dignamente e, portanto, necessita de emprego.
(B) Nossa visão ambiental considera o ser humano um bem da natureza. Ele precisa de emprego para viver com dignidade.
(C) O ser humano é considerado um bem da natureza em nossa visão ambiental. Assim, ele deve viver com um mínimo de dignidade e necessita de emprego.
(D) Nossa visão ambiental deveria preservar o ser humano como bem da natureza. Portanto, ele necessita de emprego e vive com dignidade humana.
(E) Para que o ser humano viva com dignidade, ele necessita de emprego. Isso reflete a nossa visão ambiental que o tem preservado como bem da natureza.
6. As principais questões discutidas no texto têm um caráter predominantemente:
- (A) social
(B) democrático
(C) político
(D) geopolítico
(E) econômico
7. Mantendo a equivalência de sentido, a palavra “emulasse” (2º §) pode ser substituída por:
- (A) produzisse
(B) superasse
(C) competisse com
(D) imitasse
(E) permitisse
8. “O Brasil sempre seguiu a prescrição de políticas econômicas do FMI, que impunha seu modelo monetarista e do Consenso de Washington a todos os países que a ele recorreram. Mas, agora que o modelo americano mostrou sua limitação, qual deve ser nosso novo modelo econômico?” (12º §).
- A expressão destacada acima poderia ser substituída, sem prejuízo do sentido original, por:
- (A) está falido
(B) chegou ao fim
(C) tornou-se modelo
(D) foi substituído
(E) entrou em crise
9. Pode-se afirmar que o gênero textual que melhor define esse texto é predominantemente:
- (A) descritivo porque descreve o sistema econômico dos EUA.
(B) narrativo porque conta as conquistas dos EUA em relação ao mundo.
(C) argumentativo porque defende por meio de argumentos o ponto de vista segundo o qual o Brasil deve promover uma reestruturação que o tire da pobreza e assegure sua riqueza.
(D) informativo porque apresenta informações sobre o comportamento de vários países frente à crise econômica mundial.
(E) apelativo porque convoca o leitor do texto a assumir uma posição de rejeição aos EUA, em favor da China e do Brasil.

10. Um dos recursos gramaticais para o bom entendimento do texto é a pontuação. Observe as vírgulas e escolha a forma que melhor dá conta do sentido do 13º parágrafo.

- (A) Será que, com o fim do capitalismo, como foi praticado, poderemos finalmente substituir nosso decrépito modelo econômico de pobreza, por um capitalismo de riqueza?
- (B) Será que, com o fim do capitalismo como foi praticado, poderemos, finalmente, substituir nosso decrépito modelo econômico de pobreza por um capitalismo de riqueza?
- (C) Será que com o fim do capitalismo como foi praticado, poderemos finalmente substituir nosso decrépito modelo econômico de pobreza por um capitalismo de riqueza?
- (D) Será que com o fim do capitalismo, como foi praticado, poderemos finalmente substituir nosso decrépito modelo econômico, de pobreza, por um capitalismo de riqueza?
- (E) Será que, com o fim do capitalismo, como foi praticado, poderemos finalmente substituir nosso decrépito modelo econômico de pobreza, por um capitalismo de riqueza?